

**ARQUIVOS E DOCUMENTOS DE ARQUITETURA**

7º WORKSHOP DE ARQUIVÍSTICA

**O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO  
PATRIARCADO DE LISBOA:  
ESTADO DE SITUAÇÃO E  
PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO**

JOÃO ALVES DA CUNHA | arquitecto



BIP, ANO 2, N. 5, DEZ. 59

DOCUMENTAÇÃO PATRIARCAL

## O PATRIARCATO PRECISA DE 70 NOVAS IGREJAS E 115 CAPELAS

No dia 19 de Dezembro publicamos os diários da Capital, com grande e merecido relevo, uma importante Carta Pastoral de S. Em.<sup>o</sup> o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa sobre o problema da construção de novas igrejas parquiais em todo o Patriarcado. Tal necessidade resultou muito presente da nova divisão parquial da cidade que levou à criação de grande número de freguesias novas e das perspectivas de sistemática subseqüência da zona envolvente da Capital, S. Eminentíssima, depois de pôr em equação o problema, faz oportunas considerações sobre o valor e sentido e características da paróquia nas grandes concentrações populacionais e sobre algumas particularidades da nova arquitectura sacra impostas pelas circunstâncias da vida da Igreja e do sentir do homem moderno. Na impossibilidade de transcrevermos toda a longa Pastoral, arquivamos nas nossas colunas as passagens que nos pareceram mais típicas e interessantes, ilustrando-as com um esquema da localização das igrejas novas construídas durante o pontificado de S. Eminentíssima e a construir.

É a paróquia, segundo a definição conhecida, «a célula da Igreja». Pode ocorrer num modesto lugar de culto, com um sacerdote residente, como miniatura ou germe. Mas, como à palavra «célula» significa, é por meio dela que se edifica a cristandade, o povo fiel de Deus, o rebanho de Cristo.

A paróquia engloba igreja, sacerdote e fé. Constitui a comunidade elementar, que vive da fé, da esperança e da caridade cristãs. Ela nasce na mesma mesa baptismal, alimenta-se na mesma cadeira paroquial e dilata-se na mesma acção católica e assistencial.

Quem diz comunidade, supõe unidade de crenças, comunhão de ideias, união de esforços, reunião de estímulos.

Comunidade paroquial requer tudo ao sopro do Espírito Santo, na comunhão do Coração de Cristo. É família e escola. Comunidade em que a acção sacramental e pastoral do pároco chegam directamente a todos os membros, todos se sentem na casa comum do Pai e dos filhos, como em casa própria.

Aqui o cristão toma consciência das suas responsabilidades de membro da Igreja e exercita-se como soldado de Cristo na extensão do reino de Deus.

### A escala ideal da paróquia

Mas para que a paróquia seja tudo isto, verdadeira «célula da Igreja», importa que ela tenha as condições naturais: isto é, feita segundo a escala humana e cristã. Ela, para ser eficaz, exige o contacto pessoal, a comunhão autêntica na fé e na caridade, um núcleo vivo de vida sacramental e missionária.

Foi assim que ela nasceu e fez cristandade, ou, por outras palavras, implantou e sustentou a Igreja. Sem ir mais longe, basta lembrar que o Concílio de Trento, ao reformar a paróquia, na 2.<sup>a</sup> sessão, quer que o pároco possa conhecer as suas ovelhas. Essa mesma doutrina foi consignada no Código do Direito Canónico, no cânon 497, § 1. É exigência da natureza comunitária e astrológica da paróquia. Na carta de 18 de Julho de 1953, enviada pela Santa Sé à Semana Social do Canadá, define-se assim a paróquia: «a primeira comunidade da vida cristã, uma comunidade ajustada humanamente de tal modo que o pastor conhece o seu rebanho e o rebanho o seu pastor».

Qual a escala humana desta paróquia cidadã? Winninger estabelece em 5.000 almas a unidade-tipo da paróquia urbana. Disse unidade-tipo, porque seria erro converter uma dimensão humana em problema matemático. Variarão as circunstâncias, e daí uma certa elasticidade. Mas todos reconhecem que onde seja impossível a presença sacerdotal e o contacto apostólico, não poderá formar-se a paróquia, ou pelo menos o centro comunitário irradiante. São as razões pastorais, psicológicas e sociológicas que obrigam a tender para aquele número ideal.

A unidade-tipo de 5.000 não é rigorosamente a ordem de grandeza da paróquia, mas antes, como explica o mesmo autor, a de um grupo humano sobre o qual pode irradiar eficazmente um lugar de culto servido por um ou vários padres. Winninger admite uma margem que subsa até 8.000. Outros elevá-la-ão mesmo a 10.000 e até a 12.000. O Papa Pio XII, de gloriosa e santa memória, falando em 1952 aos párocos e pregadores de Roma, afirmou que

não sem razão se consideram sobrecarregadas as paróquias de 10.000 almas para cima. E a Circular de 25 de Março de 1954 da Comissão Central para a Arte Sacra, enviada aos Bispos italianos, sobre as dimensões dos edifícios para o serviço paroquial (à qual o Ministério das Obras Públicas deu o seu parecer favorável), determina que, acima de 12.000 almas, a paróquia seja dividida. «Paróquias de 15.000 almas, dirá o citado Winninger, são monstros». As megápolis contemporâneas tornam-se agentes de des cristianização.

### A situação paroquial de Lisboa antes da divisão

A divisão paroquial de Lisboa datava de 18 de Julho de 1885, e abrangia 45 paróquias. Já durante o Nosso governo episcopal foram criadas mais 6, a saber: a do Santo Condestável em 1934, a de Nossa Senhora da Penha de França em 1937, a de Santo António de Campolide em 1938, a de Nossa Senhora de Fátima em 1938, a de S. João de Deus em 1953, e a de S. João de Brito em 1955.

Erão ao todo 49 paróquias para uma população de 783.226 almas segundo o censo de 1950, mas rigorosamente de 866.366 segundo os cadernos do inquérito municipal de 1956. Daqui se vê já a sua inadequação pastoral: uma média da ordem dos 17.000 por paróquia (17.557 média exacta).

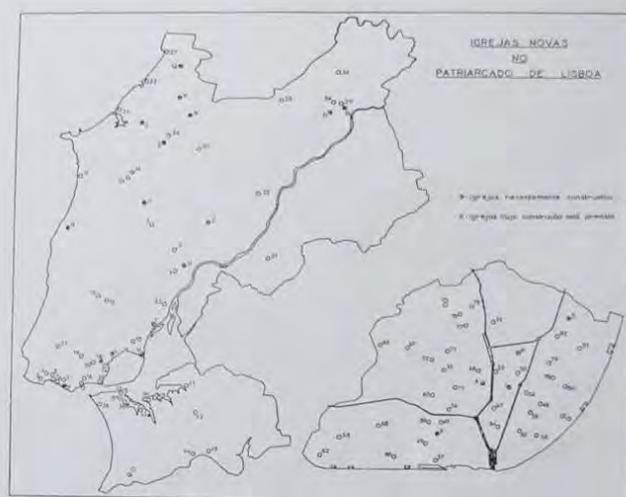
A população aumentara de mais do dobro desde o princípio do século, e as paróquias apenas aumentaram de 6. Era em 1900 de 355.942 almas a população da cidade, para 45 paróquias, com a média postrante, por paróquia, de 8.300.

E não só aumentou, mas ainda aumentou irregularmente, esvaziando-se o centro da cidade conquistado pelo comércio e acumulando-se na periferia, nos bairros modernos.

Sucedeu pois, que, segundo já foi dito no Decreto que promulgou a remodelação paroquial, «ao lado de muitas pequenas paróquias da cidade velha, se encontram algumas da cidade nova com populações da ordem de 30, 40, 50.000 e mais almas».

### A nova divisão paroquial

Pela remodelação decretada foram criadas 15 paróquias, unidas a outras e suprimida 1, o que eleva o número a 61. Houve em vista duas coisas: que as paróquias fossem desvastações, alcança-



25 IGREJAS CONSTRUÍDAS DE 1938 A 1959 — A. Nossa Senhora de Fátima em Lisboa (1938) — B. Entroncamento (1940) — C. Bairro de Caselas em Lisboa (1949) — D. Riachos (1949) — E. Bairro da Encarnação em Lisboa (1951) — F. Santo Condestável em Lisboa (1951) — G. Caldas da Rainha (1951) — H. Parede (1953) — I. S. João da Deus em Lisboa (1953) — J. Vilar (1953) — K. Vimeiro de Alcobaca (1954) — L. Pomalva em Odivelas (1955) — M. Bombarral (1955) — N. Benedito (1955) — O. Castelo de S. Silveira (1955) — P. S. João de Brito em Lisboa (1955) — Q. Bórrio (1955) — R. Silveira (1955) — S. Fanádia (1955) — T. Póvoa de Santa Rita (1956) — U. Carregado (1956) — V. Moscavide (1956) — W. Amadora (1958) — X. Póvoa em Palmela (1958) — Z. Aveiras de Cima (1959).

45 IGREJAS A CONSTRUIR FORA DA CIDADE DE LISBOA — 1. Cadafais — 2. Triana (Alenquer) — 3. Ventosa — 4. Amoreira (Alcabáche) — 5. B.º do Alcaide (Caldas) — 6. S. João do Estoril — 7. S. Pedro do Estoril — 8. Alto Estoril — 9. Murtal (Parede) — 10. Apelação — 11. Areia Branca (Lourinhã) — 12. Malveira — 13. Venda do Pinheiro (Milharado) — 14. Rangal-Venda Nova (Amadora) — 15. Algés — 16. Nova Oeiras — 17. Paço de Arcos — 18. Aqualva-Cacém — 19. Praia dos Maços — 20. Queluz — 21. Estefânia (Sintra) — 22. Sobralinho (Aveira) — 23. S. Martinho da Para (praia) — 24. Valcovo (Bombarral) — 25. Foz do Arella — 26. Vidais — 27. Nazaré (praia) — 28. Vila Moreia — 29. Entroncamento — 30. Rio Maior — 31. Marinhais — 32. Póvoa da Izenza — 33. Paço (T.N.) — 34. Meia Via (T.N.) — 35. Almada (parte nova) — 36. Costa da Caparica — 37. Cova da Piedade — 38. Laranjeira-Feliz (Almada) — 39. Barreira — 40. Lavradio — 41. Montijo (Afonseca) — 42. Pinhal Novo — 43. Zona da Siderurgia Nacional (Seixal) — 44. Anunciada (Setúbal) — 45. Sebastião Setúbal).

37 IGREJAS A CONSTRUIR EM LISBOA — Em paróquias já canonicamente eretas — 46. Espírito Santo — 47. Coração de Maria — 48. N.ª S.ª das Dores — 49. N.ª S.ª das Prazeres — 50. Santa Joana Princesa — 51. St.ª Teresa do Marinho Jesus — 52. St.ª Agostinho — 53. St.ª Anja de Portugal — 54. St.ª António de Campolide — 55. S. Domingos de Benfica — 56. S. Francisco de Assis — 57. S. Francisco de Paula — 58. S. Francisco Xavier — 59. S. João Evangelista — 60. S. Vicente de Paulo. — Em paróquias já estabelecidas — 61. N.ª S.ª do Carmo — 62. N.ª S.ª do Restelo — 63. Sagrada Família — 64. Santa Ana — 65. Santa Clara — 66. Santa Amara — 67. Santos Apóstolos — 68. S. Gabriel — 69. S. João Bosco — 70. Chelas-Norte — 71. Luz-Norte — 72. Chelas-Centro — 73. Carnide-Norte — 74. Aeroporto-Alameda Linhas de Torres — 75. Telheiras-Nordeste — 76. Telheiras-Noroeste — 77. Telheiras-Sul — 78. Chelas-Sul (Oeste) — 79. Chelas-Norte — 80. Chelas-Deste — 81. St.ª Maria dos Olivais — 82. Olivais Sul (Oeste).



ESTATUTO DO SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCA DO (S.N.I.P.)

Natureza e fins

1. O Secretariado das Novas Igrejas do Patriarado (SNIP) é um órgão oficial do Patriarado de Lisboa que, sob a dependência imediata do Prelado Diocesano, se destina a promover e orientar o movimento de construção de novas igrejas no Patriarado.

Direcção

2. O S.N.I.P. tem um Director que o representa, e dirige superiormente as suas actividades.
3. O Director do S.N.I.P. é da livre nomeação do Prelado Diocesano e responde perante Ele dos trabalhos de todas as Secções.
4. O Director do S.N.I.P., no exercício das suas funções, é assistido por um Conselho de que fazem parte os responsáveis das diversas Secções.
5. Estes responsáveis são nomeados pelo Prelado Diocesano sob proposta do Director do S.N.I.P.

Orgânica

6. O S.N.I.P. realiza as suas actividades através de três Secções: Secção Técnica, Secção Administrativa e Secção de Propaganda.
7. A Secção Técnica tem a seu cargo os trabalhos de urbanística religiosa, de consulta e apoio técnico, de fiscalização técnica das determinações da Comissão de Arte Sacra, de realização técnica de exposições e outras iniciativas da Secção de Propaganda, e de elaboração de projectos simples.
8. A Secção Administrativa recolhe e administra o Fundo das Novas Igrejas do Patriarado, estuda e propõe a distribuição de subsídios para terrenos e obras, e orienta ou realiza as transacções relacionadas com a aquisição de terrenos.
9. A Secção de Propaganda promove as campanhas e outras iniciativas tendentes a despertar o interesse do público pelo movimento das novas igrejas, obter a contribuição dos fiéis e formar a opinião do público, dos responsáveis civis e religiosos e dos artistas em ordem à acção e realização de boas soluções em matéria de urbanismo, arquitectura e arte ao serviço da Igreja, promovendo cursos, conferências, congressos, exposições e outras iniciativas. Estão a seu cargo as publicações que o S.N.I.P. vier a editar.
10. Para a realização das iniciativas da Secção de Propaganda ou de certos estudos e trabalhos das outras Secções, podem ser nomeadas ocasionalmente Comissões com a autorização do Prelado Diocesano.



- 3º. nomear seu Director o Revº Padre Manuel Franco Paloão;
- 4º. instalar a sua sede no Paço de São Vicente, em Lisboa.

Seja este Nosso Decreto devidamente registado no respectivo Livro da Chancelaria Patriarcal.

Dado em Lisboa, do Nosso Paço de Sant'Ana, no dia 6 de Janeiro de 1961.

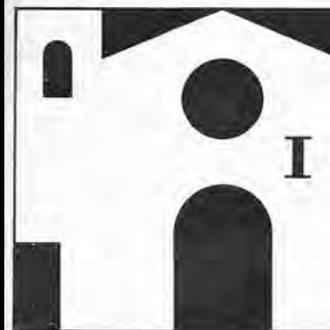
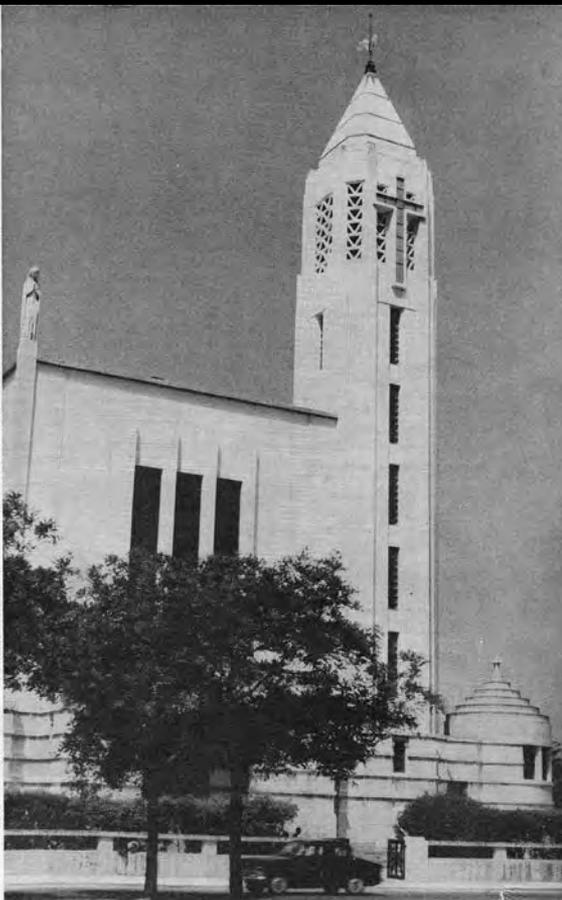
+ M. Card. Patriarca  
Em Comandado Carlos Manuel Monteiro  
Chanceler

# NOVAS IGREJAS

## 1



Boletim trimestral da Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado



# NOVAS IGREJAS

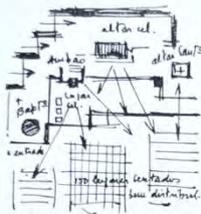
## 7

PRIMEIRO TRIMESTRE — 1963

BOLETIM TRIMESTRAL DO S. N. I. P.

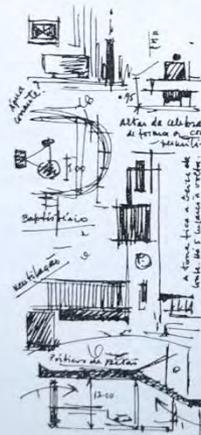
A 3.ª Campanha das Novas Igrejas foi marcada para a semana de 17 a 24 de Março deste ano de 1963. Feita em moldes semelhantes aos das anteriores, será contudo marcada pelo tempo austero da Quaresma. A penitência, a oração e a esmola, actos típicos deste santo tempo de renovação, interiorização e intensificação da vida cristã, prestam-se a ser vividos, durante uns dias, com o pensamento posto no que o nosso Em.<sup>mo</sup> Prelado chamou «o grave problema da falta de igrejas no Patriarcado».

A penitência quaresmal é um esforço de renovação interior, de purificação do que há de mal na vida de cada um e de todos, de progresso de vida cristã. No que tem de positivo, a penitência quaresmal leva-nos a procurar os meios de mais rápida elevação do nível espiritual, quer em nós quer nas comunidades cristãs a que estamos ligados. Na perspectiva das «igrejas necessárias no Patriarcado», deve levar-nos ao desejo operante de que elas em breve sejam construídas. E quanto às que já existem, deve levar-nos a considerá-las com maior estima e maior zelo; quem sabe



Com relativa frequência chegam ao Secretariado de Informação Religiosa ou ao B.I.P. cartas de pessoas empenhadas na construção de igrejas ou capelas, sobretudo párocos, com o pedido de informações sobre projectos, arquitectos, comparticipações, etc. Na medida do possível, e recorrendo quase sempre ao Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, instalado a paredes meias com o S.I.R.B.I.P., temos procurado satisfazer tais pedidos. Certos de que muitos outros interessados se debatem com falta de orientações que lhes permitam resolver com maior facilidade e segurança os problemas da construção de um novo lugar de culto, resolvemos publicar neste número do B.I.P., de colaboração com o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, um programa-base de construção de igrejas enriquecido com ilustrações e completado com várias considerações de ordem pastoral e de urbanismo religioso.

## PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO DE NOVAS IGREJAS



B. I. P. — 46-47

BIP, ANO 8, N. 46-47, ABR - MAI - JUN, 1966

### INTRODUÇÃO

#### O programa

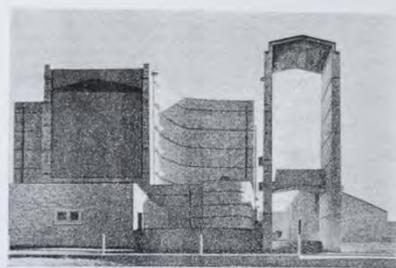
1. Este programa-base, a completar com os dados específicos (1) relativos a cada caso concreto, foi redigido tendo em vista uma igreja sede de paróquia (2). Nele se definem os diversos elementos que constituem o complexo paróquial. A definição desses elementos é acompanhada de resumida fundamentação teológica, litúrgica e pastoral, que assim completa a sua simples enumeração. Desta maneira solicita do projectista um grau de análise, de crítica e de interpretação do próprio programa, e de reinvenção de soluções para exigências até aqui ignoradas, tidas em menor consideração ou mal resolvidas.

#### A elaboração do programa

2. O programa de uma igreja deve responder às exigências pastorais que levam à sua construção. Compete por isso delimitar, em primeiro lugar, os pároco ou reitor, com a colaboração da comunidade a que se destina. Na sua elaboração deve também entrar como elemento activo o projectista. Uma vez redigido, é ainda de admitir a conveniência ou necessidade de ajustamentos ou alterações, sempre que determinada linha de solução, dificuldades de articulação ou a própria expressão arquitectónica o justifiquem. No entanto, as alterações ao programa deverão ser o consentimento da entidade paróquial responsável. Se for exigida por requerimento local a previsão aprovação do programa pela autoridade diocesana, também as alterações deverão por ela ser aprovadas (3).

97 — 25

### CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DE UMA IGREJA



Igreja de Weinsberg  
A. Van Branca — org.  
1964

3. A igreja é um edifício sagrado, isto é, um edifício que, pela consagração ritual, foi retirado dos usos profanos para ser destinado a usos exclusivamente sacros. Por isso, enquanto obra de arquitectura sacra, a igreja, além das qualidades próprias da arquitectura civil, deverá traduzir, em linguagem especificamente arquitectónica, mais do que pelo recurso ao simbolismo convencional de certas formas ou a artífices de decoração, o seu carácter sagrado.

4. Como obra de arquitectura para que o seja, não poderá deixar de ser moderna. Para tanto não bastará que adopte o vocabulário, os materiais e os processos de construção da moderna arquitectura civil, como não bastará que responda às necessidades de uma liturgia actual. Não é puro funcionalismo litúrgico que se pede, mas sim coerente e adequada interpretação, em termos de arquitectura, dessa mesma liturgia e da espiritualidade e forma de sentir comuns da maioria cultuante dos nossos dias. Mais ainda, é pedido que o próprio edifício fomente uma verdadeira piedade cristã, que ele seja só por si apelo e incentivo a uma vida cristã autêntica, a uma vida fundada na essência da caridade.

5. Cabe ainda prevenir contra uma tentação frequente e facilmente expliável. Porque a arquitectura em geral, e por maioria de razão a arquitectura sacra, é serviço da comunidade, é de rememorar a experiência demonstrada individualmente e expressa da ecumenia a semelhança das

26 — 98

peças ou até do simplesmente impeditivo o ambiente «familiar» e acolhedor que separam, que têm necessidade e direito de encontrar na sua igreja. É um apelo à simplicidade e à compreensão do projectista posto perante um tema que tantas obras equívocas têm ultimamente desfigurado.

6. E tendo referido a exigência de um ambiente «familiar» e acolhedor para a nova igreja, torna-se necessário dizer algo mais sobre esse ambiente. As acções litúrgicas são designadas no texto da Constituição conciliar sobre a Sacramental Liturgia por celebrações. O próprio termo indica o carácter festivo de tais acções. Na igreja celebra-se a «Páscoa de Cristo»; a Eucaristia é o memorial da paixão e morte que antecederam a ressurreição de Cristo, mas já ressuscitado. A natureza de tal celebração exige a consciência do ambiente que constitui o seu quadro nor-

mal. Certo desejo de austeridade e de despojamento que este programa pode suscitir, até como resposta a um modo de sentir comum actual, não significará total despojamento e radical ausência de elementos decorativos. Porque o carácter da celebração litúrgica é festivo, como se disse, e porque nunca será demais acentuar a nossa condição de homens salvos pela morte e ressurreição de Cristo, cuja avocação será motivo da maior alegria, considera-se desejável que o ambiente da nova igreja se impregne de um verdadeiro sentido de alegria, para o que poderão ter grande importância o recurso à pintura, a distribuição dominada da luz natural, a própria acústica, etc., com a condição de que tais meios se contiguem entre si e se integrem com tudo o mais, com vista à unidade arquitectónica do edifício, por forma que tudo seja um grande gesto único carregado de sentido.

B. I. P. — 46-47

# NOVOS CONCEITOS DE IGREJAS

A preocupação de definir um programa-tipo para a construção de igrejas, dominou por largos anos muitos encontros e congressos relacionados com a arquitectura e a arte sacras. Era o reflexo natural duma pastoral fortemente centrada na liturgia. Em diversos meios europeus foram publicadas directivas, normas, programas para a construção das novas igrejas. Entre nós, o MRAR, em contacto com esses meios, atento e muitas vezes mesmo participante no que neles se promovia, ocupou-se obsessivamente da discussão do programa funcional-litúrgico das novas igrejas, inspirando assim uma primeira redacção de directivas, mais tarde reelaboradas sob a forma de programa-tipo, documentos esses preparados, publicados e consumidos pelo Sacretriarado das Novas Igrejas do Patriarcado (Vd. n.º 45-47 do BIP).

Chegava-se assim ao termo de uma segunda escalada do

movimento renovador, tendo a primeira sido a da admissão duma linguagem arquitectónica viva e sem artificios. Chegara-se também ao termo do período de quase exclusividade da liturgia como instrumento pastoral. Que a Constituição sobre a Sagrada Liturgia tenha sido o primeiro e mais imediato documento conciliar, é a prova evidente do amadurecimento da Igreja em tal matéria. O Concílio limitava-se assim a colher frutos maduros, que apenas esperavam uma ratificação que trouxesse legalidade canónica ao que se vinha pensando, propondo e mesmo fazendo há largos anos.

O programa do SNIP era proposto como programa em aberto, isto é, continha em si mesmo um convite à pesquisa de novas propostas capazes de acompanharem a evolução pastoral que se esboçava.

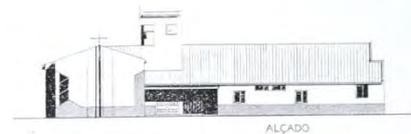
Remetia-se assim para a arquitectura e para os projectistas uma boa parte da missão

prospectiva capaz de acelerar o movimento renovador de cultura, sem o qual a Igreja seria incapaz de comunicação com o mundo em que se insere e que pretende servir.

Trata-se nesta nova fase, já não só de procurar resposta arquitectónica para um programa proposto, mas de contribuir através da arquitectura para exigências pastorais em evolução.

A situação actual parece assim desaconselhar a adopção de um programa unificado das igrejas a construir, não só porque as comunidades ou grupos eclesiais a que vão servir são muito diversificados, mas sobretudo porque a contextura social se encontra em completa ebulição. Programar taxativamente e em pormenor para uma fase transitória, ou fortemente marcada pela transitoriedade como o é a actual, seria preparar uma obra condenada a estar desactualizada no dia da sua inauguração.

Neste contexto surgiram umas tantas verificações de facto, às quais conviria por enquanto não dar força de lei, mas que deverão ser tidas em consideração por quem construa ou projecte igrejas e isso com aguçado sentido crítico, mas também sem temor de assumir riscos.

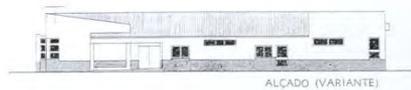


ALÇADO

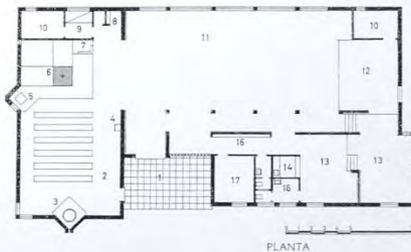
## VERIFICAÇÃO 1

A igreja paroquial — sede institucional de uma comunidade de base territorial — não responde satisfatoriamente a toda a gama de necessidades da vida eclesial no que respeita a instalações, tal como a paróquia deixou de ser o elemento único ou mesmo preponderante da estrutura eclesial.

Assim, as novas igrejas já não serão mais a **cidadela paroquial**, por muito que em certos casos se justifique certo grau de concentração dos serviços de evangelização, de convívio e de caridade. Porque à paróquia de hoje apenas é pedido o testemunho espontâneo, simples e eficaz do exercício da caridade, incentivando, mais do que realizando, uma esclarecida e exigente participação dos seus membros na vida da cidade e no serviço da sociedade.



ALÇADO (VARIANTE)



PLANTA

## LEGENDA DAS PLANTAS

- 1 Entrada
- 2 Assembleia (espaço capela)
- 3 Baptistério
- 4 Imagem
- 5 Altar de Santíssimo
- 6 Altar de colação
- 7 Ambão
- 8 Confessionário
- 9 Sacristia
- 10 Arcofórum
- 11 Assembleia (espaço sólo polifuncional)
- 12 Sala polio
- 13 Sala de convívio
- 14 Banho
- 15 Instalações Sanitárias
- 16 Gabinete-biblioteca
- 17 Gabinete de pânico ou cartório (Sala de catequese ou tribunal)

B. I. P. — 56-57

*Um esquema poderá ser ponto de partida de diversas interpretações formais.*

*Em certos casos, de comunidades enraizadas e tradicionalmente cristãs, é por vezes exigência que haja um campanário com relógio e que o edifício corresponda a uma imagem-referência de igreja.*

*Noutros casos, require-se maior discreção da presença da greja. O sinal é o da própria comunidade que se reúne e já não do edifício.*

*Na gravura: A planta da capela-talão é uma só. Os aspectos exteriores são diferentes. Com campanário, a capela rural. Apenas com uma pequena cruz a capela nos subúrbios da grande cidade.*

29

PATRIARCADO DE LISBOA

REGULAMENTO DE CONSTRUÇÃO  
E RESTAURO DE IGREJAS



1964



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO













## novas igrejas do patriarcado

1968



Construir igrejas majestosas foi, noutros tempos, uma das formas mais expressivas de glorificar a Deus. A catedral ou a grande basílica, edificadas por gerações sucessivas no coração das velhas cidades, mais do que um espaço para congregar e abrigar os que oravam, eram a sua própria oração feita monumento.

Hoje, a renovação litúrgica põs em relevo uma nova dimensão da oração da Igreja, a que esses tempos não foram muito sensíveis: a da participação consciente e activa de todos os fiéis na liturgia. Por outro lado, sente-se hoje que a oração litúrgica se deve projectar na vida, numa irradiação de fé e caridade, o que, no mundo moderno, significa espírito de verdade e de justiça, contributo para o desenvolvimento dos povos e luta pela paz verdadeira...

Por isso, as novas igrejas, já não serão monumentais e majestosas como as de outros tempos, que isso seria contradizer a própria realidade da Igreja dos nossos dias. Serão a casa que congrega e abriga o «Povo de Deus», reunido para a oração que é a Igreja actuando como servidora dos homens. Expressar e servir essa realidade, é o que se pede à arquitectura sacra de hoje.

No Patriarcado, novos bairros e povoações inteiras, abrangendo milhares de cristãos, não dispõem ainda duma igreja, dum lugar de culto e oração, no qual se reúnem para a missa, para escutarem a palavra de Deus, para receberem os sacramentos, para convivirem e organizarem as suas actividades de apostolado, formação, caridade e ensino.

No primeiro domingo de Janeiro de 1968, a todas as missas celebradas no Patriarcado, serão recolhidos os contributos em dinheiro de toda a diocese para o Fundo das Novas Igrejas. Destina-se este fundo, através da manutenção de serviços, de subsídios e empréstimos, a conseguir que, onde quer que façam falta, surjam as igrejas e capelas necessárias, ou se adaptem as existentes carecidas de restaura ou remodelação.

Estamos no «Ano da Fé». Que a generosidade do nosso contributo seja expressão da consciência de que ele é uma forma de ajudar eficazmente a manter e desenvolver a fé cristã na diocese a que pertencemos.

## NOVAS IGREJAS PARA A EVANGELIZAÇÃO

1973

Enfrenta o Patriarcado de Lisboa diversos problemas importantes para o presente e o futuro da Igreja na Diocese. O mais fundamental de todos é, sem dúvida, a necessidade de intensificar um esforço de evangelização que chame à verdadeira fé as populações ainda descristianizadas e ajude a crescer, na vida cristã, as comunidades já reunidas em nome do Senhor.

O objectivo prioritário da evangelização não se conseguirá, todavia, sem mais e melhores agentes da pastoral — sacerdotes, religiosos e leigos dedicados ao serviço do Evangelho — e sem um equipamento de estruturas materiais, que, embora na ordem dos meios, deve considerar-se indispensável.

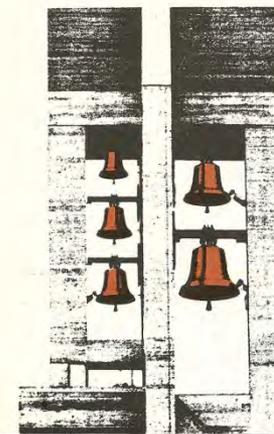
Entre estas estruturas, a obtenção de novos lugares de culto tem merecido à Igreja de Lisboa especial cuidado, desde há vários anos. E não é possível, por enquanto, atenuar o vigor do apelo feito à generosidade das comunidades cristãs do Patriarcado para a recolha de fundos destinados à construção de novas igrejas. Pelo contrário, urge torná-lo mais incisivo e convincente.

A carência de lugares de culto é manifesta em diversas zonas da Diocese e assume particular acuidade nos novos aglomerados habitacionais que se multiplicam dentro e à volta da cidade de Lisboa, e também na península de Setúbal. Em muitos desses aglomerados, falta um espaço sagrado, lugar de encontro do homem consigo mesmo, com os irmãos na fé e com o Senhor que, na Eucaristia, realiza e exprime o mistério da comunhão da Sua Igreja.

O Patriarca de Lisboa estende as mãos em súplica, diante dos fiéis e das comunidades cristãs da Diocese. Pede-lhes que o ajudem a construir a casa de Deus e dos homens.

+ António, Patriarca

DOMINGO 25 DE MARÇO  
OFERTÓRIO PARA O FUNDO DAS NOVAS IGREJAS



## NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO OFERTÓRIO DOMINGO 3 DE MAIO 1981

### UMA PALAVRA ACTUAL

Aos arquitectos e aos artistas pede-se-lhes maior sensibilidade às realidades transcendentais que uma igreja supõe e serve; pede-se-lhes um conhecimento mais perfeito da Liturgia e da Pastoral e das suas exigências funcionais; pede-se-lhes uma compreensão mais viva do valor social e pedagógico da obra de Arquitectura Sacra; pede-se-lhes um sentido mais apurado do que é permanente e actual na verdadeira tradição litúrgica e artística da Igreja.

Por outro lado, reconhece-se a necessidade duma educação do sentido religioso e do gosto artístico dos fiéis para que possam aceitar, compreender e até exigir obras de autêntica Arte Sacra moderna.

(Do decreto de criação do Secretariado das Novas Igrejas, assinado pelo Senhor Cardeal Cerejeira, em 6 de Junho de 1961).



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



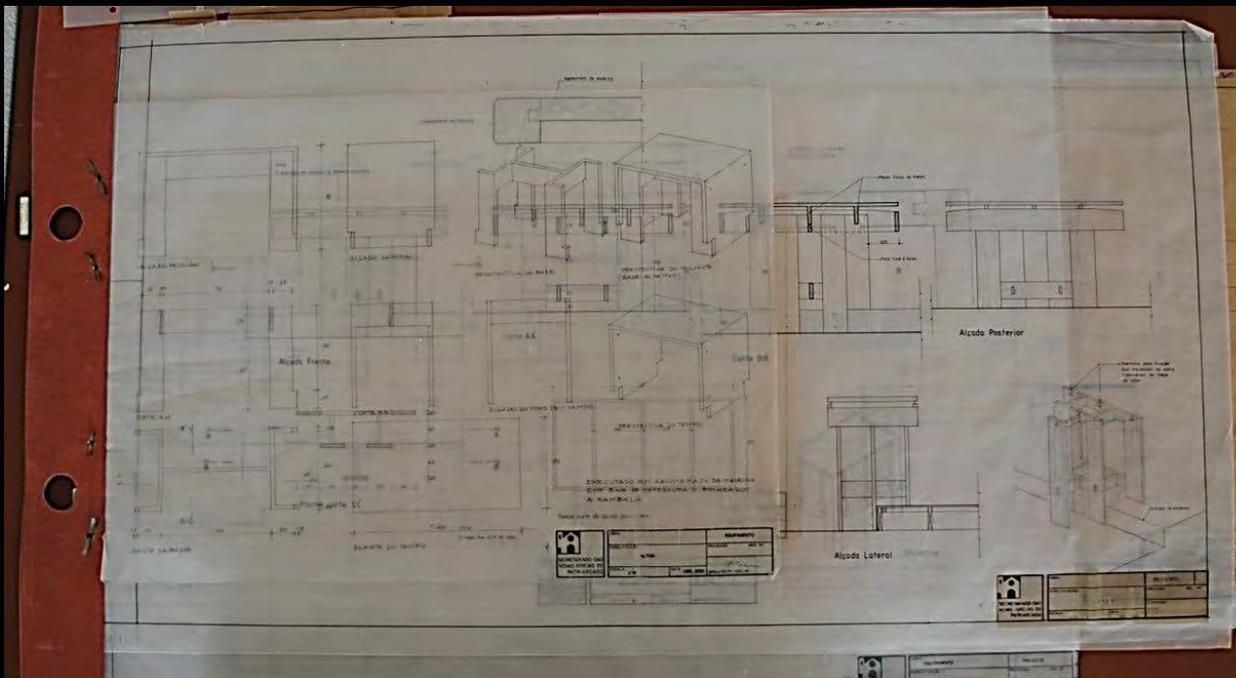
O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO





O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO









O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO

IGREJA DE MOSCAVIDE  
PROJECTO DE CONSTRUÇÃO



Alçado principal  
[Norte]

Escala: 1/100.

IGREJA DE MOSCAVIDE  
Projecto



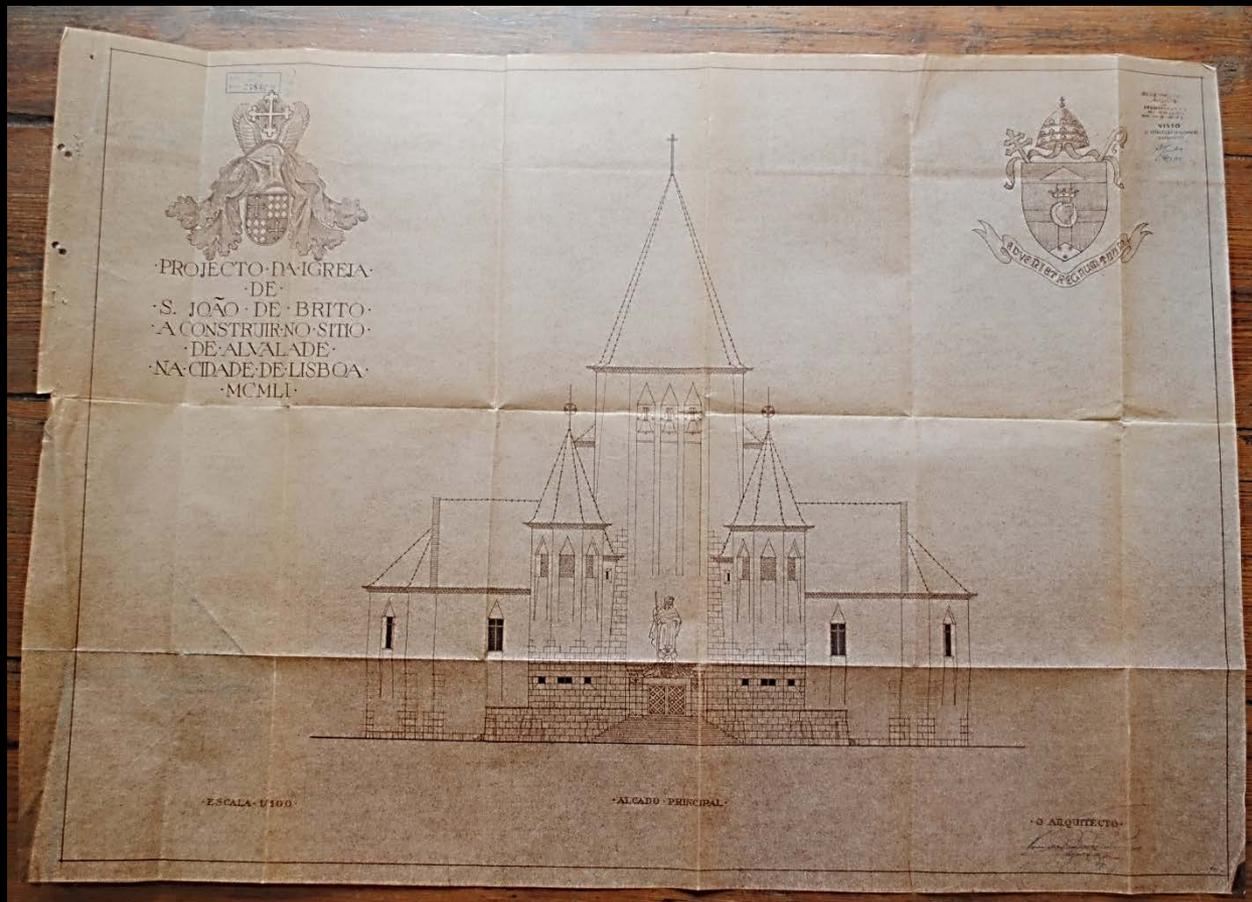
Corte por A-B

Escala: 1/100.



PROJECTO DA IGREJA  
DE  
S. JOÃO DE BRITO  
A CONSTRUIR  
NO  
Sítio de Alvalade  
NA  
Cidade de Lisboa  
MCMLI

Arquitecto  
Duco de Moraes Almeida  
(Regaleira)



ANTE-PROJECTO PARA A IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS, EM LISBOA  
ESCALA 1:100

5



ALÇADO PRINCIPAL

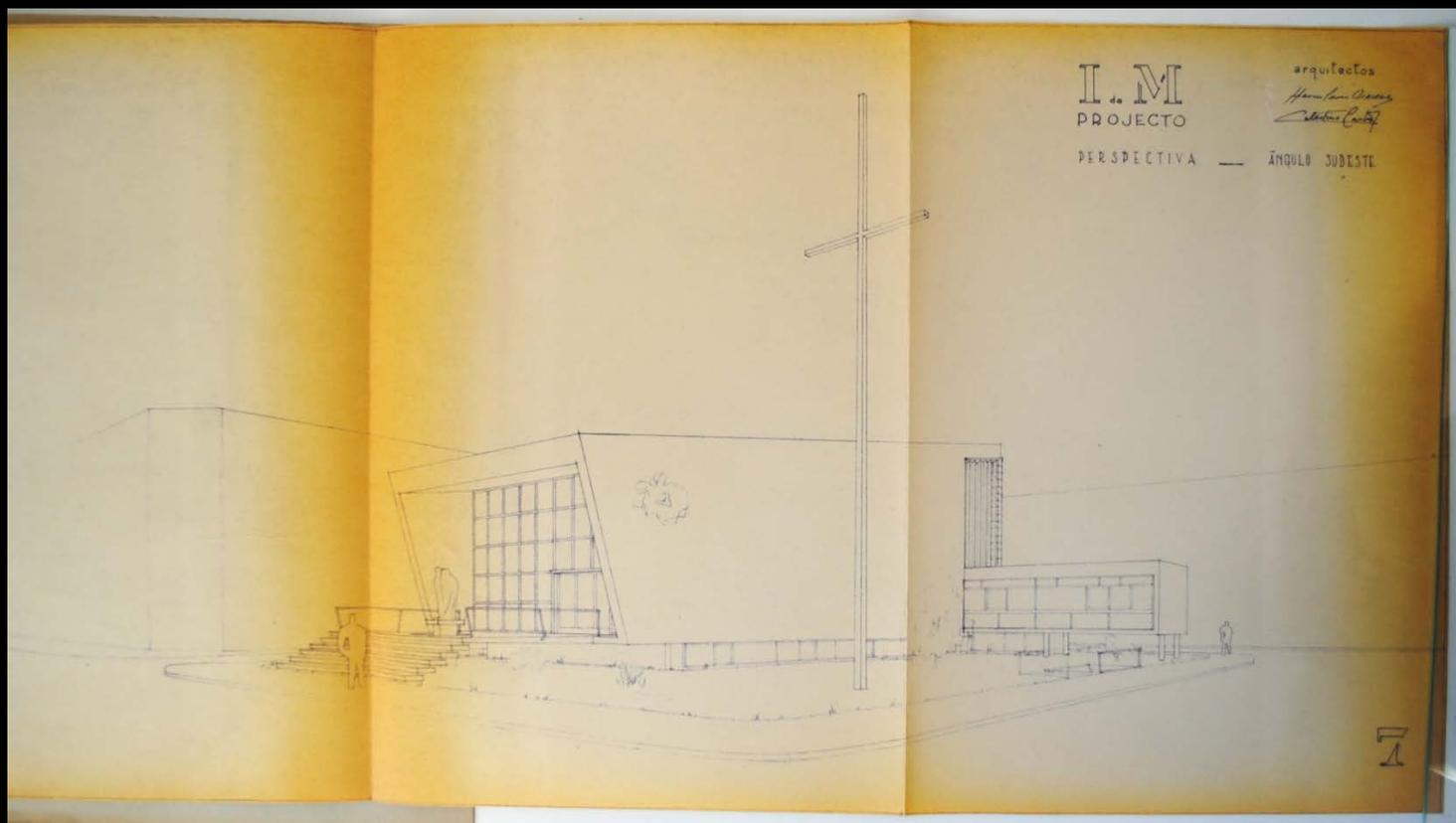
O ARQUITECTO

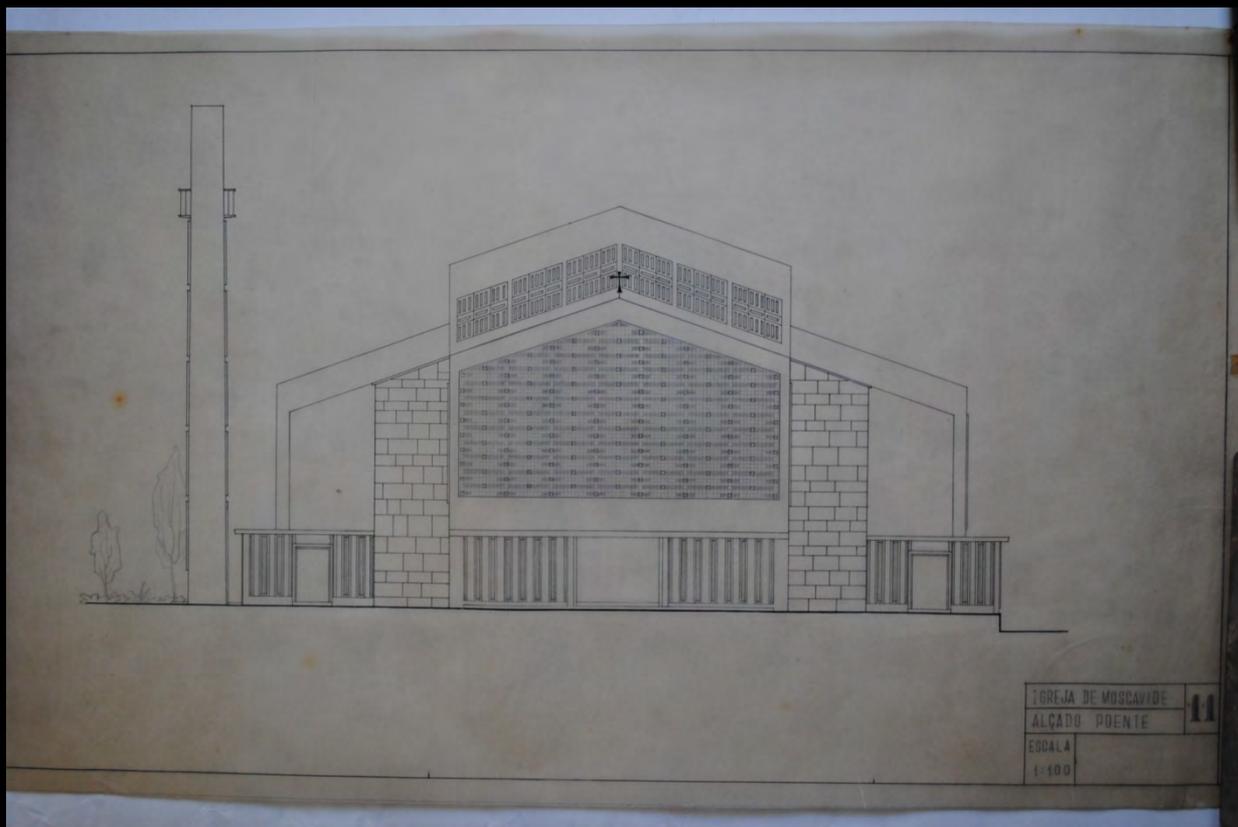
— ANTONIO LIMA —  
1864-65

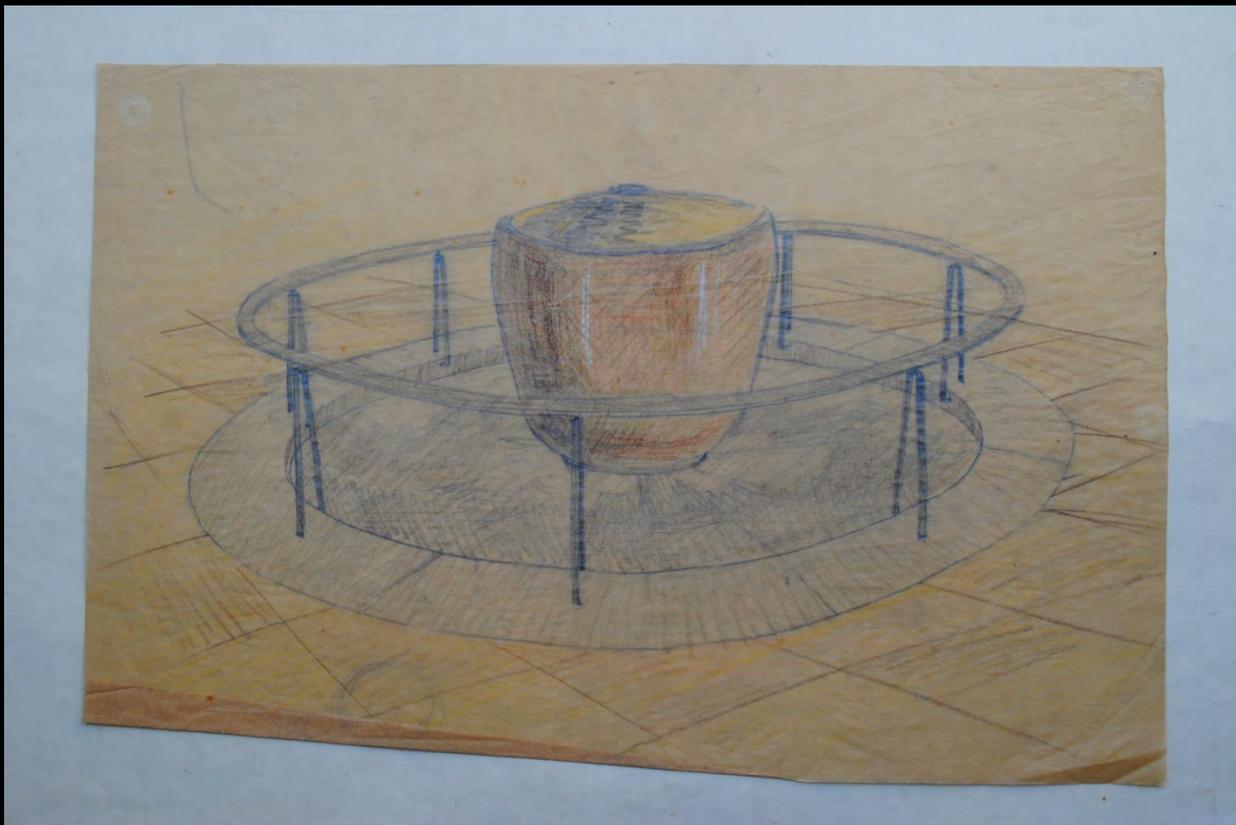


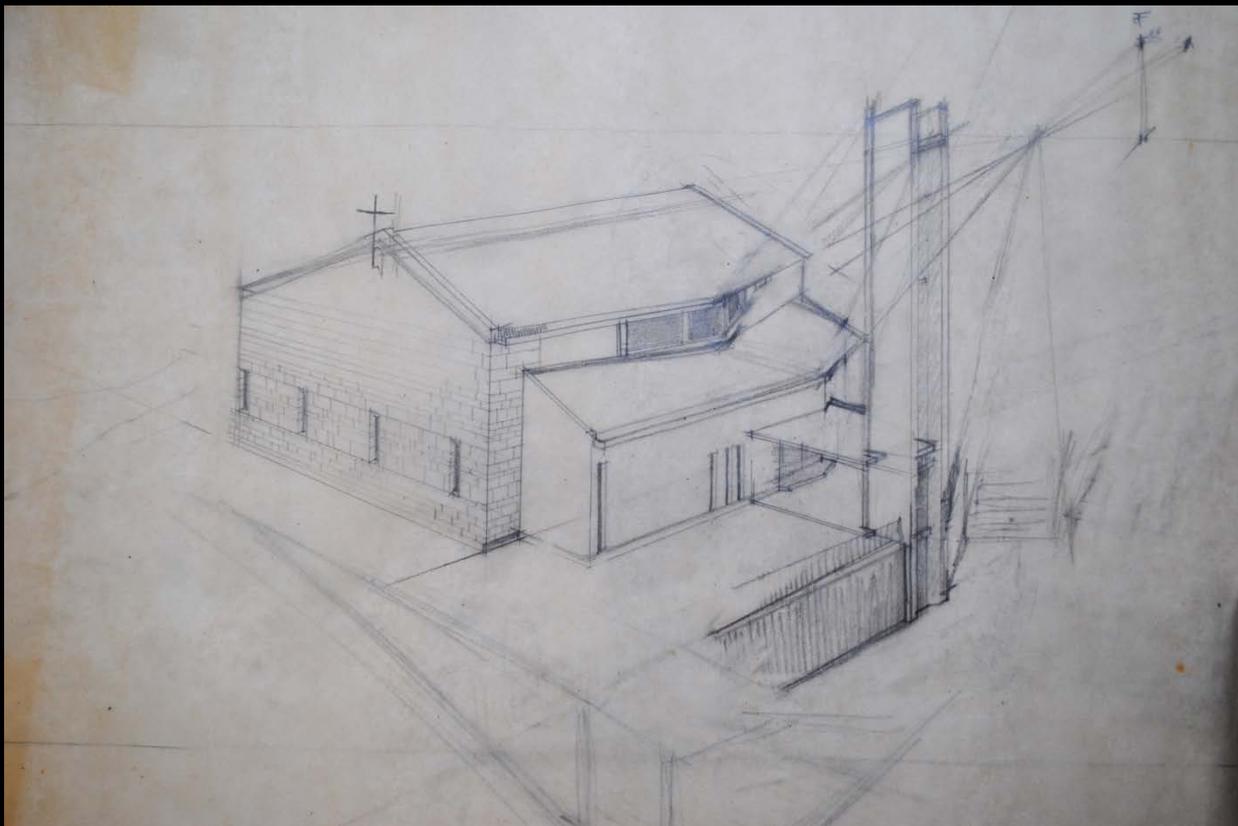






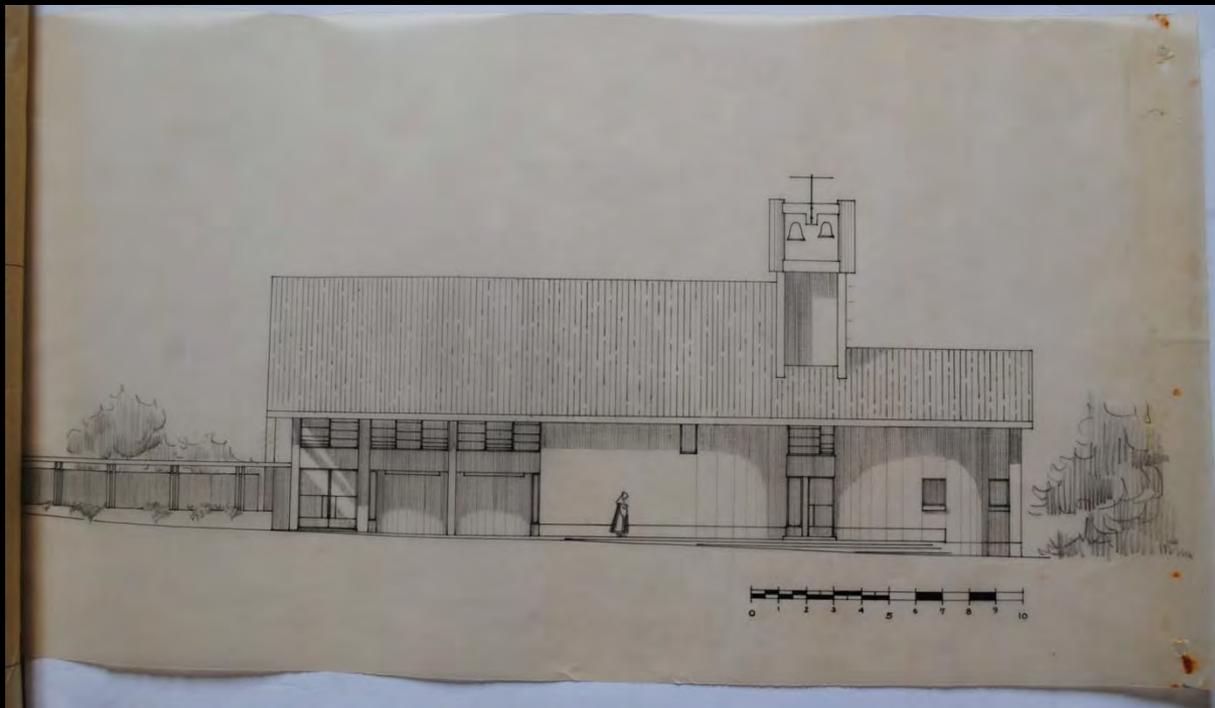






**IGREJA PAROQUIAL DE S. FRANCISCO**  
CALHETA  
MADEIRA











O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO





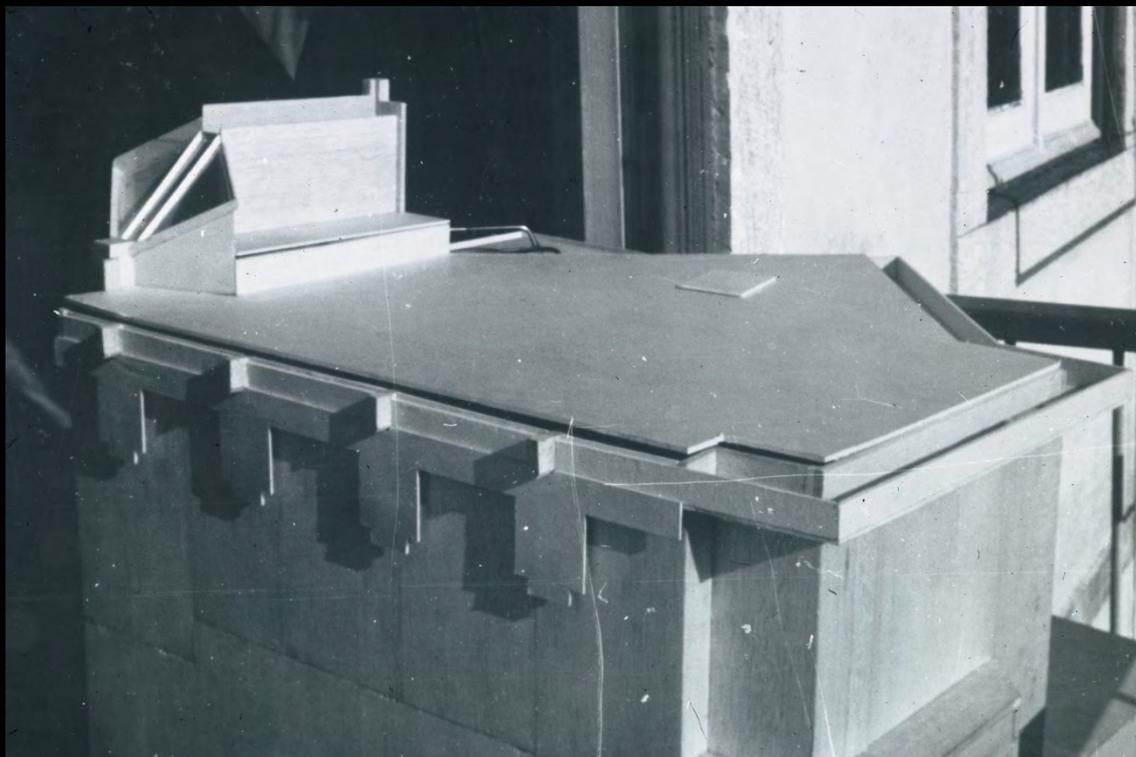
O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO

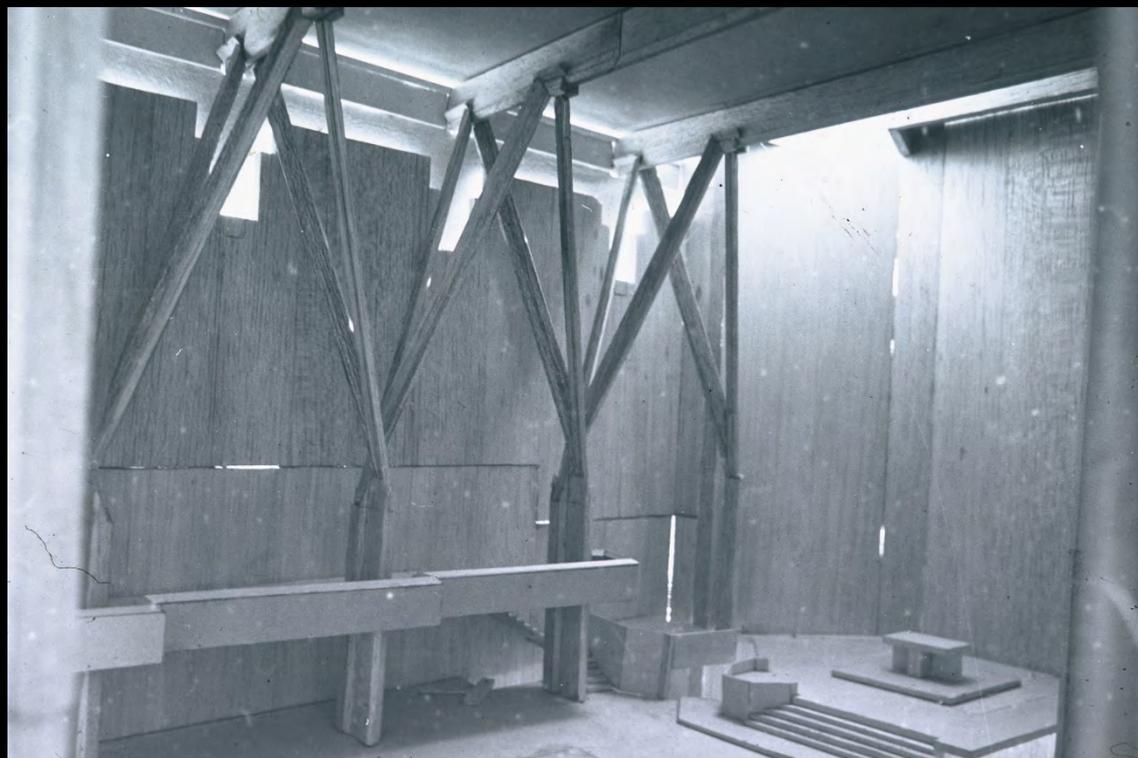






O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO











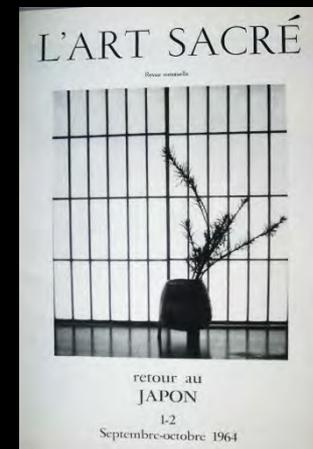
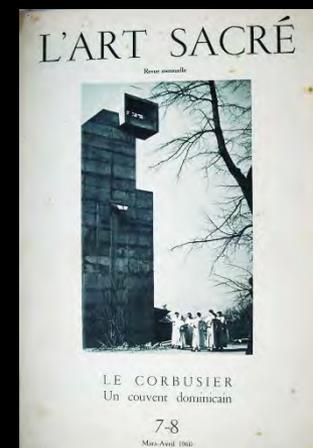
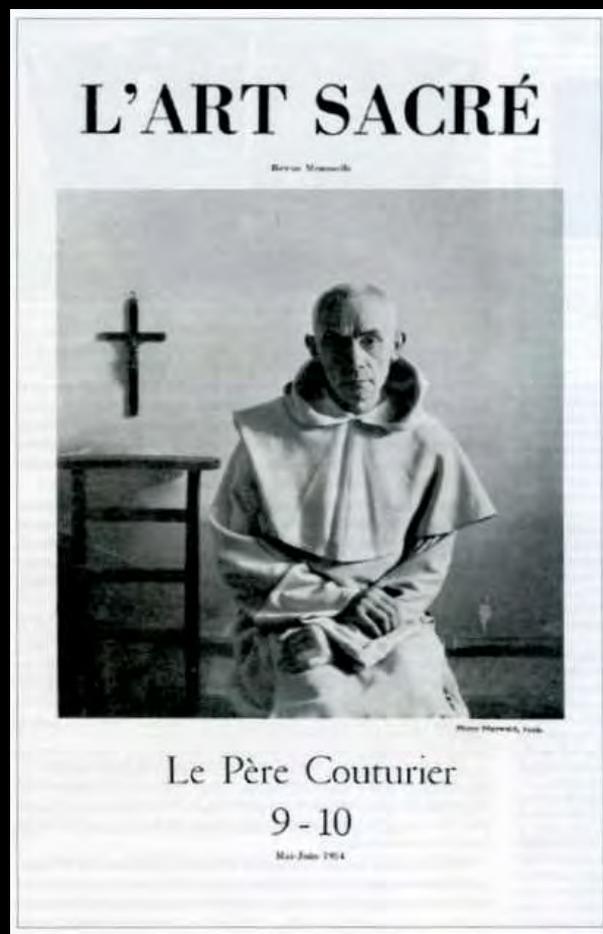
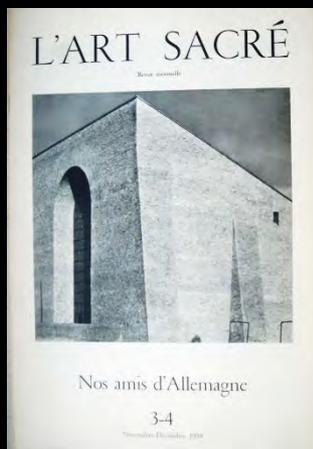
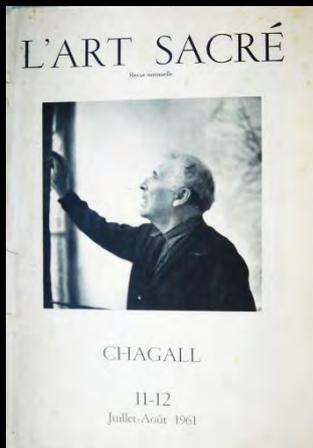


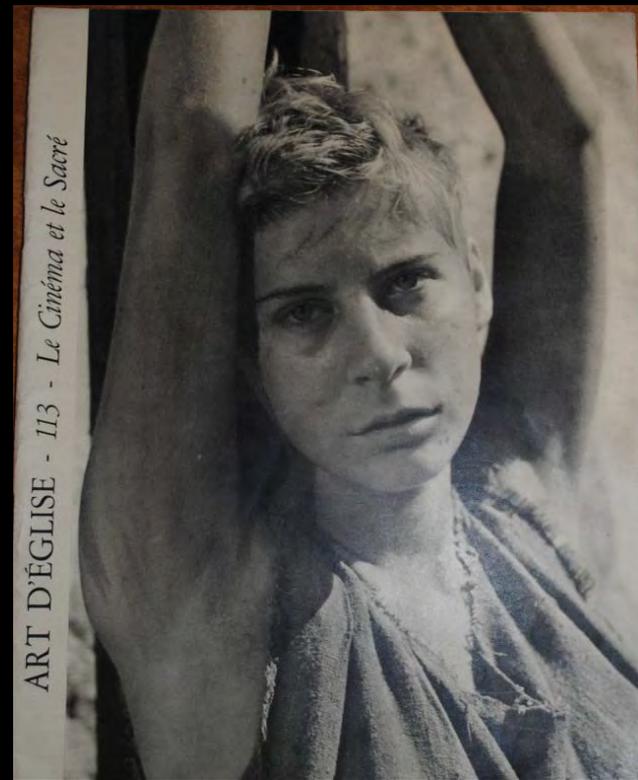
O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO



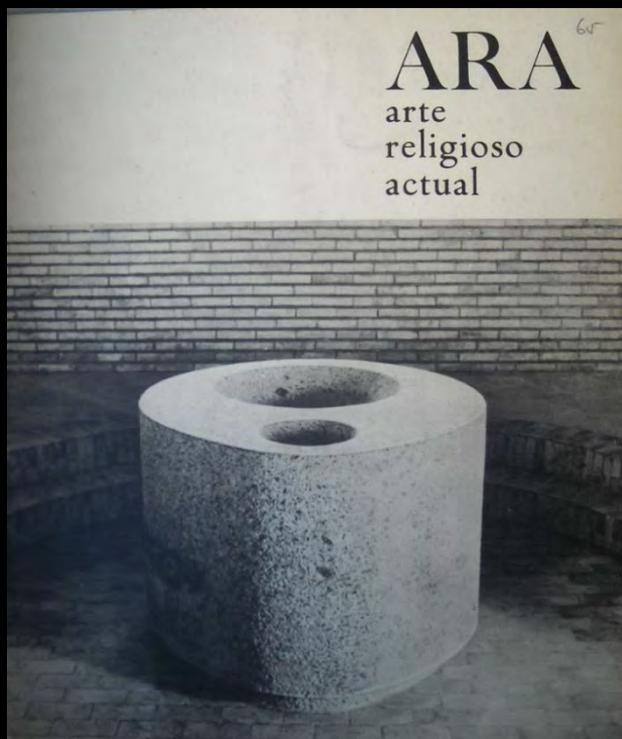
O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO

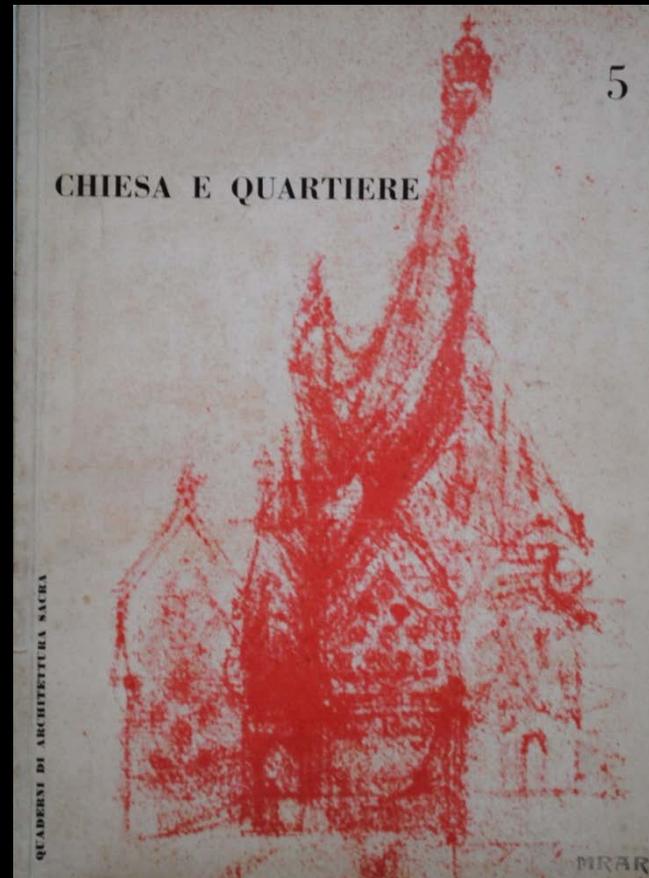














*Projecto de salvaguarda e valorização do  
Arquivo do S.N.I.P., Sector das Novas  
Igrejas do Patriarcado*

LISBOA . FEVEREIRO DE 2013

## **OBJECTIVOS:**

- TRATAMENTO ARQUIVÍSTICO E CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES ANALÓGICAS;
- CONSTITUIÇÃO DE UMA BASE DE DADOS DE CONSULTA DOS INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO DOCUMENTAL (META-INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA);
- CONSTITUIÇÃO DE UMA BASE DE DADOS COM FICHAS DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO RELIGIOSO CONSTANTE DA DOCUMENTAÇÃO;
- CONSTITUIÇÃO DE UMA BASE DE DADOS COM FICHAS DE ENTIDADES AUTORAS (PESSOAS) DE ESTUDOS OU PROJETOS CONSTANTE DA DOCUMENTAÇÃO;
- PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS, NAS VÁRIAS VERTENTES DO PROJETO, EM REVISTAS DA ESPECIALIDADE, BEM COMO NA INTERNET.

## **FASES:**

FASE 1 - HIGIENIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO PREVENTIVA: (1 MÊS)

FASE 2 – ORGANIZAÇÃO (1 MÊS)

FASE 3 – DESCRIÇÃO (8 MESES)

FASE 4 – FICHAS DE INVENTÁRIO DE PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO  
RELIGIOSO  
E FICHAS DE ENTIDADES AUTORAS (PESSOAS) (1 MÊS)

FASE 5 – DIFUSÃO (1 MÊS)



O ARQUIVO DO SETOR DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO DE LISBOA: ESTADO DE SITUAÇÃO E PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO